



cruzamento

PUBLICAÇÃO DA RESPONSABILIDADE PARÓQUIA DO SENHOR JESUS DO PADRÃO DA LÉGUA

DIRECTOR: PADRE
JOAQUIM MÁRIO
AREAL ANDRADE

EDITORIAL

À LUZ DE 50 ANOS

E chegamos ao 51º aniversário da nossa paróquia! Poderá não ser a data mais atraente para comemorar, mas ela significa que se completaram as comemorações dos 50 anos. Foram dias que ficarão para sempre nas recordações de quantos neles colaboraram, empenhando-se por fazer memória de muitos acontecimentos passados, mas também abrindo perspectivas futuras.

Iniciou-se com o canto das Janeiras, que encheram as escadas da nossa igreja numa noite fria de Janeiro, e que vozes de vários grupos, formados para o momento, ajudaram a aquecer o ambiente (pelo menos as mãos!) com muita alegria. Foi a abertura com chave de prata, querendo revelar, desde o primeiro momento, que seria um ano alegre.

Seguiram-se Conversas com Café, em dois momentos, que nos ajudaram a reflectir sobre a paróquia nas vertentes de comunidade cristã e a sua importância na sociedade ao longo da história. Foram convidados o Sr. D. João Miranda Teixeira, que foi bispo auxiliar do Porto, e o historiador Dr. Joel Cleto. Muitas pessoas beneficiaram destas tertúlias, saindo

agradadas com as reflexões e com vontade de continuarem a história desta paróquia.

Em vésperas do aniversário tivemos o Coro Gregoriano do Porto que cantou e encantou. O seu esforço de divulgar a música gregoriana (património histórico da igreja católica), granjeou adeptos nesta comunidade, que desejam voltar a recebê-los na nossa companhia.

O dia alto foi o 1 de Fevereiro. Da parte da tarde os diversos grupos da paróquia presentearam-nos com uma peça de teatro que evocou a vida desta paróquia ao longo dos 50 anos. Um número infindável de figurantes de todas as idades passaram pelo palco do auditório, com o elemento comum de estarem ligados a esta paróquia.

Depois na eucaristia, presidida pelo Sr. D. Pio Alves, administrador apostólico do Porto, tivemos oportunidade de dar graças a Deus por todas as suas bênçãos.

Seguiu-se um jantar convívio em que cantamos os parabéns e

apagamos as 50 velas.

Uma exposição comemorativa mostrou a nossa história, e uma garrafa serviu de recordação para terem em casa uma lembrança dos 50 anos.

Nos dias seguintes tivemos um tempo de adoração do Santíssimo Sacramento, onde, de joelhos, manifestamos a nossa gratidão a quantos trabalharam pela paróquia, pedindo a Deus as suas graças para sermos dignos de continuar esta obra.

Ainda em Fevereiro teve lugar um retiro paroquial orientado pelo Frei Fernando Ventura, que congregou mais os paroquianos.

Pela Visita Pascal fizemos oferta da caixa "Deus-é-Bom", com a intenção de convidar as famílias à oração, e que se tornou um sucesso.

Na festa do Padroeiro tivemos connosco, novamente, o Sr. D.

Pio Alves, deixando-nos uma mensagem ligada à cruz de Jesus que sempre teve destaque nesta paróquia.

O fim do ano chegou com um memorável concerto de Natal, em que coros convidados e um coro nosso maravilharam todos os presentes.

A vigararia de Matosinhos, por seu lado, juntou-se à nossa festa marcando entre nós dois momentos marcantes, o início do novo ano pastoral sob o lema "A Alegria do Evangelho é a nossa Missão", e o encontro de coros com o canto dos Reis, já no mês de Janeiro.

Foi um fechar com chave de ouro um ano que os Conselhos Paroquial de Pastoral e para os Assuntos Económicos desejaram que fosse celebrado em várias vertentes, e que abrissem a comunidade a novos anos.

O Pároco



CONFERÊNCIA VICENTINA

No ano de 2014 viveu-se um agravamento da austeridade no nosso País, o que gerou novos casos de pobreza e de miséria, deixando mais famílias sem recursos e algumas sem abrigo.

Continuam a bater-nos à porta e a pedir ajuda para o pão, os medicamentos, a luz

a água e a renda, mas sentimo-nos cada vez mais incapazes para conseguirmos esses objectivos porque os apoios que nos chegam das entidades oficiais são cada vez menores.

Apesar da "limpeza" feita pelo Banco Alimentar em relação às famílias que rece-

biam apoio de várias instituições, a quantidade de famílias que ajudamos neste ano foi à volta de 135, o que equivale a cerca de 425 pessoas. Nesta linha de "cortes" receamos bem que o Banco Alimentar reduza ainda mais o fornecimento de géneros ao longo do ano de 2015.

Mantém-se viva a nossa esperança de que se aproximem desta causa novos voluntários, pois é essencial renovar e reforçar a força dos vicentinos para fazermos cada vez mais e melhor o auxílio aos nossos irmãos que carecem da nossa ajuda.

Continuamos a confiar no

REGISTOS PAROQUIAIS 2014

Casamentos

Jorge Manuel Gonçalo Silva Cardoso
e Amélia Maria Moreira Rocha Silva

Óbitos

Maria Ferreira da Silva

REGISTOS PAROQUIAIS 2015

Óbitos

Amadeu de Oliveira Pereira
António Fernando Dias R. de Almeida
Joaquim Francisco da Silva
José António Leal Elói
José Augusto da Costa Almeida
Maria Celeste Dias Alves
Maria Celeste de Jesus
Maria Luzia Ferreira

nosso patrono Beato Frederico Ozanam e a orar ao Senhor para que nos ajude a realizar este sonho de amar o próximo.

1. RECEITAS (2014)

Coletas	159,85 €
Subscritores	1.360,50 €
Peditórios	755,86 €
Donativos particulares	5.903,74 €
Subsídios oficiais	4.636,01 €
Banco Alimentar (Géneros recebidos)	17.548,79 €
Géneros doados por outras entidades	14.525,00 €
Total de receitas	44.889,75 €

2. DESPESAS (2014)

Auxílio domiciliário	8.644,28 €
Auxílio na doença	1.588,78 €
Auxílio na luz, água, gaz e habitação	490,40 €
Despesas com viatura	1.438,00 €
Despesas administrativas	835,27 €
Conselho de Zona	649,46 €
Banco Alimentar (Géneros distribuídos)	17.548,79 €
Géneros doados por outras entidades	14.888,70 €
Total de despesas	46.119,68 €

3. RESUMO

Saldo anterior (2013)	2.006,01 €
Receita (2014)	44.889,75 €
Despesa (2014)	46.119,68 €
Saldo (para 2015)	776,08 €

CONCERTO VICARIAL DE REIS



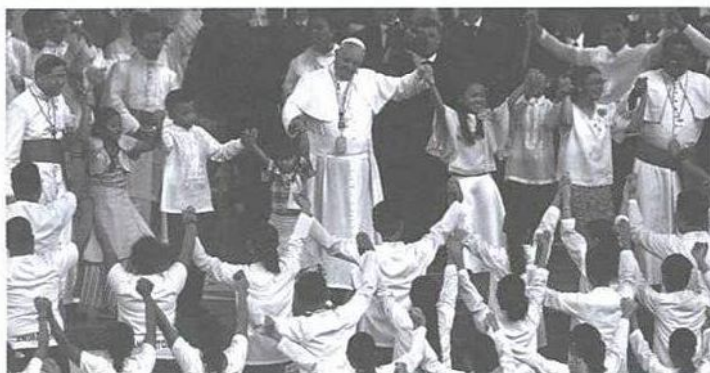
APRENDER A SABEDORIA DAS «LÁGRIMAS»

Durante a última visita que o Papa Francisco efectuou às Filipinas, o maior país católico da Ásia, falou de improviso no encontro com os jovens em Manila, pedindo mais atenção às mulheres e aos pobres, e desafiou a aprender a sabedoria das "lágrimas" e olhar para as lições dos pobres.

"Ao mundo de hoje falta-lhe chorar. Choram os marginalizados, os que são deixados à parte, os desprezados, mas os que levamos uma vida mais ou menos sem necessidades não sabemos chorar", referiu para a multidão que desafiou a chuva, num encontro de oração e de reflexão que incluiu um conjunto de depoimentos de adolescentes e jovens filipinos. Francisco apresentou um discurso improvisado a partir do testemunho de Gyzelle Palomar, uma menina de 12 anos, acolhida por uma fundação católica depois de ter sido abandonada na rua, que perguntou, a chorar, porque é que Deus permitiu este sofrimento.

"Porque é que as crianças sofrem?", perguntou o próprio pontífice. É uma pergunta "que

não tem resposta" e que o essencial, diante do sofrimento, é que o coração de cada seja capaz de conseguir "chorar" e "fazer a pergunta". "Certas realidades da vida só se veem com os olhos limpos pelas lágrimas", sustentou.



A intervenção sublinhou que existe uma "compaixão mundana", sem utilidade, uma compaixão que "no máximo leva a pôr a mão no bolso e dar uma moeda a alguém". A resposta perante a tragédia, acrescentou o Papa, deve ser "ou o silêncio ou a palavra que nasce das lágrimas". "Convido cada um de vós a perguntar-se: aprendi a chorar?" "Se não aprenderem a chorar, não serão bons cristãos. Este é um desafio".

Depois elogiou o papel das

mulheres, pedindo que "quando o próximo Papa vier a Manila" haja mais testemunhos no feminino. "As mulheres têm muito a dizer-nos na sociedade de hoje. Às vezes somos demasiado machistas e não damos lugar às mulheres", assinalou. "As mulheres são capazes de colocar questões que os homens não conse-

guem compreender. Tomem atenção: ela [Gyzelle], hoje, colocou a única pergunta que não tem resposta e não bastaram as palavras, teve de o fazer com as lágrimas".

O Papa falou depois num mundo de "hiperinformação" que, apesar das suas dimensões positivas, traz o perigo de criar "jovens-museus, que têm tudo, mas que não sabem o que fazer com isso". Nesse sentido, pediu jovens "sábios", abertos à "surpresa" do amor e de Deus: "Não tenhamos uma

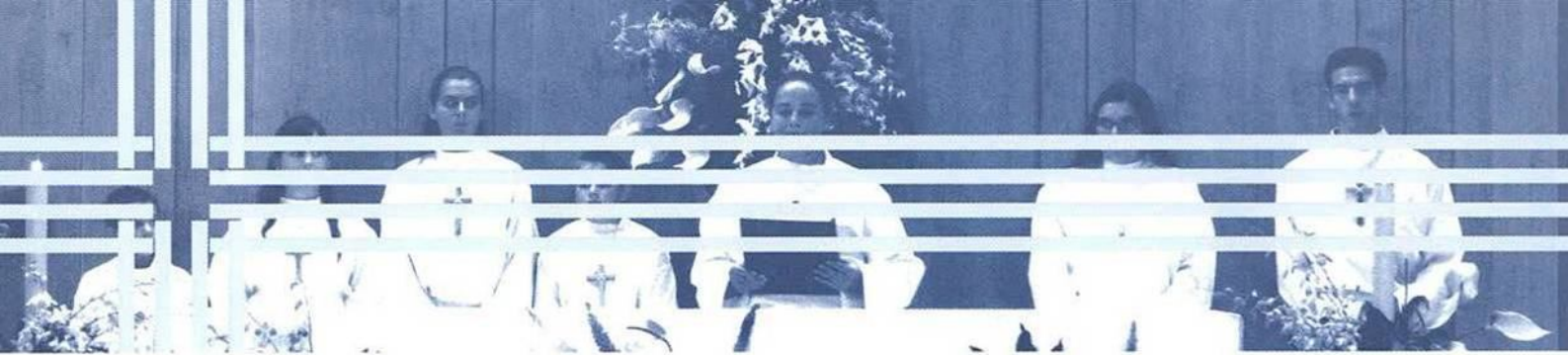
mentalidade de computador, de querer saber tudo, todas as respostas". E retomando uma reflexão já apresentada em diversas ocasiões, convidou os jovens a usar as "três linguagens" - da mente, do coração e das mãos - para saberem "pensar, sentir, fazer".

A exemplo dos santos, acrescentou, é preciso "aprender a mendigar, aprender a receber da humildade dos que são ajudados, aprender a ser evangelizados pelos pobres", para viver com o "coração cheio", mesmo que de "mãos vazias".

O Papa sintetizou o discurso que tinha preparado em três desafios: a integridade, os pobres e o meio ambiente, este, em particular, num país que "corre o risco de ser seriamente afetado pelas alterações climáticas".

Após a oração do ângelus, o encontro concluiu-se num tom festivo, com o Papa a dançar, de mãos dadas com crianças, ao som da música, antes de vestir de novo o impermeável amarelo e entrando no papamóvel passar pelo meio da multidão, despedindo-se de todos.

in Ecclesia



CANTINHO DOS ACÓLITOS

A IGREJA

A nossa Igreja fez 50 anos... muitas pessoas participaram e ainda participam na eucaristia e em todas as atividades da paróquia.

Será a Igreja apenas um conjunto de clero e fiéis católicos? Ou um edifício destinado ao culto de uma religião, especialmente cristã?

A Igreja é muito mais que isso. Ela torna-se também a nossa casa, o nosso abrigo que tem Jesus a acolher-nos de braços abertos e de todo o coração.

Por isso a Igreja é feita de pessoas que se tornam um, com um só nome. E essas pessoas devem manter-se unidas e caminhar todas no mesmo sentido. Obtendo assim uma Igreja sólida.

Tal como num muro, se retirarmos uma pedra que antes estava fixa, ele cai e assim também a Igreja fica instável quando retirada alguma pessoa. Porque cada um de nós faz a diferença e podemos

dar muito e mais à Igreja.

Mas tudo tem de partir da fé e da nossa força de vontade de querer ser mais ativo e querer levar a nossa Igreja a todos que não tem um abrigo, um carinho ou não tem esperança.

Porque pertencer à Igreja é ter esperança! Esperança num amanhã melhor, num mundo melhor, esperança num sorriso, de ver e arrancar sorrisos, de curar feridas, ultrapassar dores e secar lágrimas.

Devemos agir como a Igreja, devemos ser melhores a cada oportunidade e ajudar a cada missão e devemos unir-nos a cada falha e a cada queda.

O principal é acreditar que vale a pena lutar pela Igreja, vale a pena ser Igreja, ser fruto de Deus e ser cristão!

**50 anos depois
Esta paróquia
Tem muito que contar
Com o Padre Mário
Cada eucaristia celebrar.**

**Nesta paróquia
Podemos entrar
Quando a nossa vida**

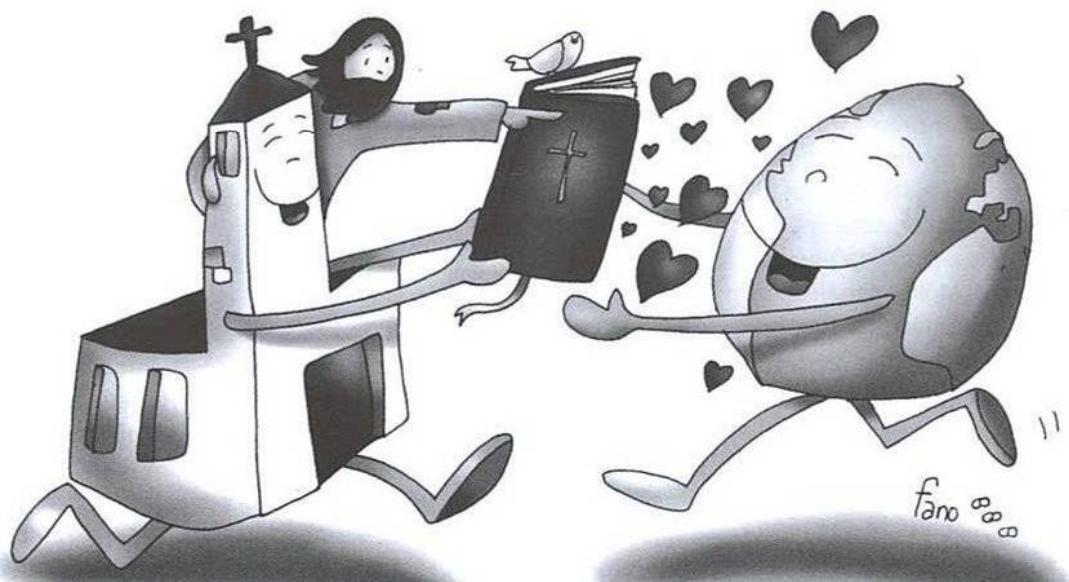
**Começar
Até cá não mais morar
Pois nela sempre
Vamos ter lugar.**

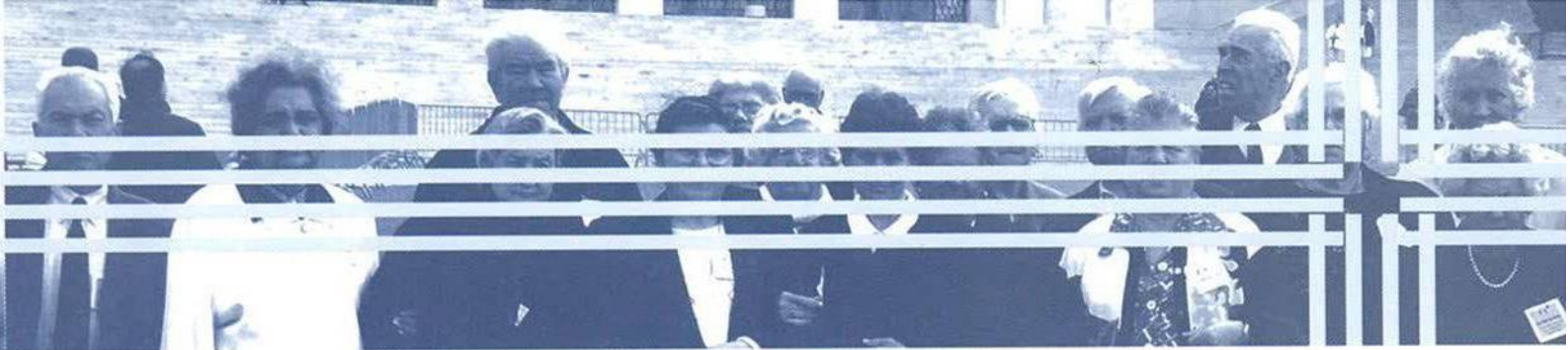
**Podemos ser catequistas
Ou até coralistas
De muitas maneiras
Podemos participar
Só basta ter
Vontade de ajudar.**

**Nela seremos acolhidos
Com amor
E teremos sempre á espera
Uma mão amiga
Seja de quem for.**

Um abraço.

Francisca Borges





IDADE DA SABEDORIA

COMPARTILHAR COM TERNURA

Festas passadas, eis que chega o novo ano e com ele os ensaios para o tradicional cantar das Janeiras.

Idosos e crianças, durante uma semana, percorreram algumas casas e ruas da nossa comunidade para desejar as boas festas a quem os quisesse ouvir. Em troca, estes foram generosos apresentando-os com guloseimas e numerário. A receita desta verba serve para dar continuidade ao projeto de angariação de mobiliário para o nosso infantário.

Estes pequenos e grandes cantores também quiseram

desejar as boas festas e um bom ano à Câmara Municipal de Matosinhos e à união das freguesias da junta de Custóias, Leça do Balio e Guifões.

Passadas as cantorias começamos a ensaiar um pequeno teatro para apresentar aos meninos do infantário.

Assim, no passado dia 16, recebemos a visita da sala 5. Estávamos todos ansiosos, tudo tinha que sair bem, afinal íamos representar para este nosso público tão exigente!

No final soaram palmas e sor-



risos de satisfação que foram absorvidos por todos.

No dia 20, fomos apresentar o nosso teatrinho aos meninos da creche 1 e 2. Apesar de no início ter havido choro, por fim os meninos pequenos manifestaram alegria à nossa presença e inesperada visita. Percebemos que gostaram muito e tiramos muitas fotografias. Foram momen-

tos de ternura partilhada quando os pegamos ao colo. "Que saudades dos meus meninos quando eram pequenos" (dizia a D. Adelaide do Centro de Dia).

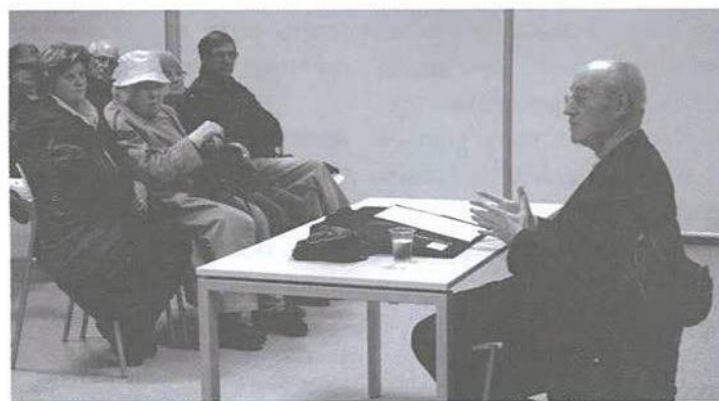
São estes momentos que dão vida aos nossos dias e vontade de os viver ainda mais intensamente.

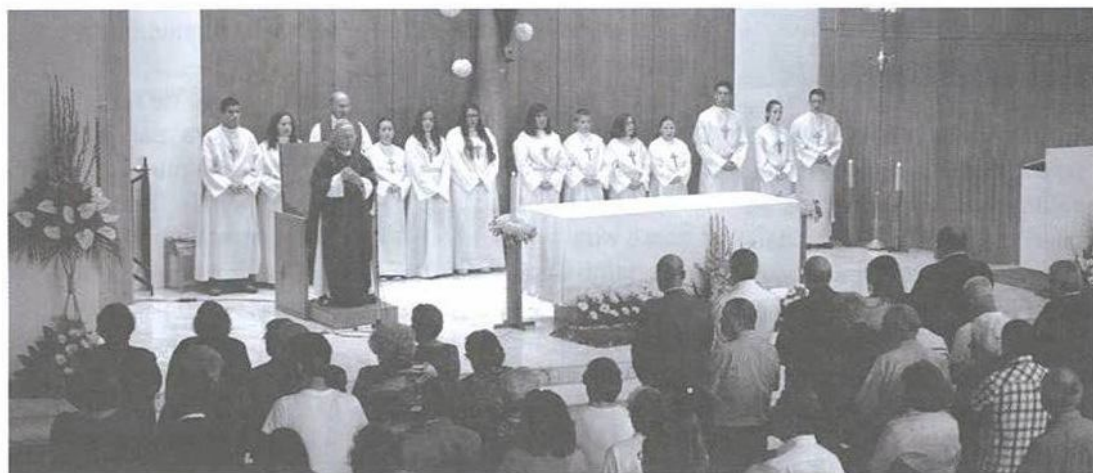
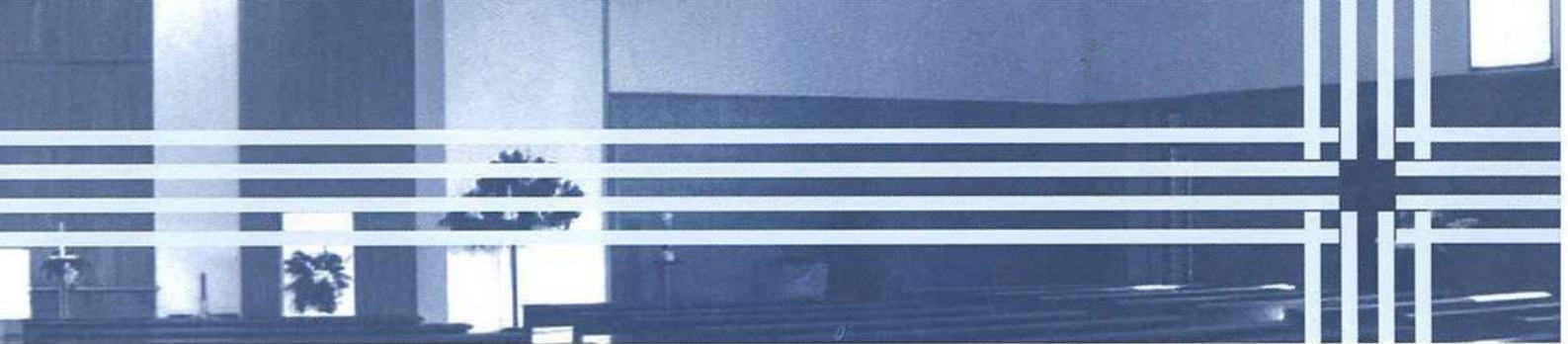
Rita Correia



EM DESTAQUE

RECORDANDO OS 50 ANOS





PARÓQUIA
PADRÃO
DA LEGUA

50 QUE NTA ANOS

1964 | 2014





É ASSIM NO ENCANTO...

EDUCAR EXIGE TEMPO E DISPONIBILIDADE

Educar, criar hábitos pessoais e sociais corretos, desenvolver a autonomia das crianças exige muita vontade e determinação, mas também muito tempo e disponibilidade — tudo aquilo que, em geral, falta às famílias de hoje!

Reprimir as birras, deixar as fraldas, largar a chupeta e o biberão, comer pela sua mão, saber estar à mesa com os adultos, vestir-se a si próprio, tomar banho sozinho, respeitar os outros, em particular os mais velhos, cumprir regras, são, efetivamente, hábitos fundamentais para o crescimento das crianças, mas que, ao contrário do que pode parecer, exigem de nós, pais e educadores, muito tempo.

Se elas viessem ensinadas e treinadas seria, então sim, para nós, muito mais fácil: já teriam todos esses hábitos interiorizados! Mas como assim não é, muitas vezes dá menos trabalho e é bem mais fácil: ceder ao choro e dar-lhes o que querem no momento, porque já não os podemos ouvir; pôr-lhes uma fralda, para não termos de

nos levantar duas ou três vezes durante a noite ou, então, para não estarmos ali tanto tempo à espera...; dar-lhes a chupeta, para que adormeçam mais depressa; “enfiar-lhes” o biberão enquanto nos vestimos; vesti-los e “despachá-los” de manhã para podermos chegar todos a horas ao trabalho; dar-lhes de jantar na cozinha, separados do resto da família, para jantarmos em paz; deixá-los interromper e sobrepor-se aos adultos, senão não se calam; etc., etc., etc.

É, de facto, mais consentâneo com o nosso ritmo de vida, com as exigências atuais, com a nossa pressa constante, com o nosso frequente cansaço e até com o nosso comodismo cedermos, naquilo em que devíamos ser exigentes, deixarmos para amanhã aqui-



lo que devia ser feito desde já, adiarmos um pouco o que sabemos vir a ser inevitável — “Até porque também nós temos os nossos interesses e temos de ter o nosso tempo e a nossa vida, então, não é?!... e eles, também, coitados!...”

Por isso — e afirmo-o com vasto conhecimento de causa — é, hoje, tão frequente ver crianças numa estranha discrepância: mexem com enorme à vontade em consolas, comandos, vídeos, computadores e telemóveis, papagueiam umas palavras em inglês, veem telenovelas e programas de gosto discutível, discutem com os pais, avós e educadores, mas, muitas vezes, aos 5, 6, 7 anos ainda usam chupeta e até fralda à noite (passe-se!!!), tomam biberão de manhã, são incapazes de estar sentados à mesa, não articulam a maioria das palavras com correção, mas interrompem, sistemati-

camente, os adultos!

Neste tempo de tanta contabilidade para pais e educadores é uma pura ilusão, esta economia de tempo e de esforço! Mais não fazem do que adiar os problemas e, na maior parte dos casos, de os agravar. Porque deixam consolidar hábitos que demorarão muito mais a corrigir, porque infantilizam as crianças, porque lhes criam, no futuro, problemas na relação com os outros e na convivência social e, sobretudo, porque atrasam a sua aprendizagem e o desenvolvimento da sua autonomia.

Em casa ou na escola, é necessário bom senso para educar! Mas, mais do que isso, é necessário tempo e disponibilidade: o tempo gasto na “hora certa” não é tempo perdido! É um tempo ganho em termos de bem-estar e desenvolvimento da criança... e, a prazo, em termos da sua própria liberdade e autonomia, enquanto adultos!

Manuel Rangel
(in “Newsletter da Porto Editora”, adaptado por Ana Paula Cunha)

DO ATL... COM "ENCANTO"

DEPOIS... SITUAÇÕES DE DÉFICE DE ATENÇÃO

Após as férias de Natal que, como vos havíamos contado, iam ser entusiastas e ocupadas, em forma de balanço, dizemo-vos que correram bem e que aprendemos com o chefe José a fazer bombons e troncos de natal. Foi um dia cheio de açúcar e partilhado no fim com doçura com as famílias e toda a equipa e colegas. Não pode faltar a visita do pai natal e claro está que foram umas férias alegres e divertidas.

Agora de volta, num novo ano e num novo período escolar vamos falar de algumas questões abordadas pelas famílias em forma de preocupação, ou dúvida muitas das vezes, de "situações" que acontecem e comportamentos que se alteram e não se sabe muito bem como atuar ou se são simplesmente normalidades do crescimento, como, por exemplo, o meu filho é um "cabeça no ar", "anda sempre na lua", "não está atento ao que lhe digo".

Diz-se que as crianças saudáveis são, por inerência distraídas, ou "cabeça de vento" como preferirem. Porque são

sensíveis e imaginativas e são atentas a todos os pormenores à sua volta. E reagem a eles, claro, em função da competitividade com que se colocam diante de si, e sempre que algo as entedia refugiam-se diante histórias que elas mesmas produzem, a que os pais chamam "macaquinhos no sótão".

É difícil estar-se atento! Depende do jeitinho especial de quem cativa a atenção, sobretudo de muitas crianças, ao mesmo tempo: é preciso que seja sábio, singular e vivo e um bocadinho contador de histórias também ajuda.

Há, no entanto dois tipos de crianças um bocadinho de candeias às avessas com a atenção. Aquelas que, seja qual for o professor que lhes fale, parecem sempre atentas e aquelas que são compulsivamente desatentas. Mas descansemos todos, pois, tomando em consideração todas as crianças, a percentagem das crianças verdadeiramente hiperativas é verdadeiramente insignificante. Faz, felizmente, parte das doenças psicológicas muito raras das crianças!



E será que no ambiente em casa é sempre acolhedor e amigável para com a atenção? Será que os pais que são um belo exemplo de défices de atenção um para o outro, dos dois em relação a uma criança e de todos em relação à vida são um exemplo de atenção para uma criança? Será que a vida familiar das crianças não acaba por ser, avós à parte, muitas vezes, dum stress permanente, com agendas diárias que as faz ter mais tempo de trabalho que os próprios pais e que, por isso, torna a agitação a melhor amiga da distração? E será que os pais são, como deviam ser, uma entidade reguladora para os trabalhos de casa que, regra geral, não adiantam quase nada a quem quer aprender e que magoam,

vezes sem conta, a atenção?

E aquilo que os pais dizem dos professores à mesa do jantar, é um bom motivo para que as crianças os admirem e respeitem e acarinhem como uma luz preciosa que as encaminha pelos desafios da atenção? Serão só as crianças? Não é verdade que são precisos dois para que haja um distraído?

Vamos dando atenção, sim, às nossas crianças, vamos continuando a preocuparmo-nos sempre com elas, mas sem confundir falta de carinho com "doença"... E teremos seguramente crianças mais saudáveis.

Cristina Barbosa

A LIBERDADE DIFÍCIL

Os trágicos acontecimentos vividos em Paris, nestes primeiros dias do ano, sugerem, a uma leitura crente, duas observações: uma sobre as religiões e a liberdade e outra sobre a lenta conquista das liberdades civis.

É necessário afirmar com clareza que o terror que se viveu não decorre de um conflito entre religiões. Vistas bem as coisas, morreram pessoas de origem cristã e de origem muçulmana que conviviam pacificamente, segundo o enquadramento que conseguimos na Europa e que chamamos Estado de direito. Esta designação é preferível ao Estado laico, pois inclui e reconhece pessoas de confissões diversas que levam as suas vidas pacificamente. Quem tem experiência de conviver com a pessoas de outras religiões sabe bem que é mais o que reúne do que o que separa uma crença verdadeira e bem intencionada. A tradição bíblica cristã

ensina-nos uma regra segundo a qual à medida que cresce a fé no verdadeiro Deus, cresce também o respeito pelo ser humano concreto, na riqueza das suas diferenças. Mas é necessário estar muito atento, pois a religião pode ser manipulada para justificar a violência e fundar o medo. Para isso é que existe a razão e a

**JE SUIS
CATHOLIQUE**

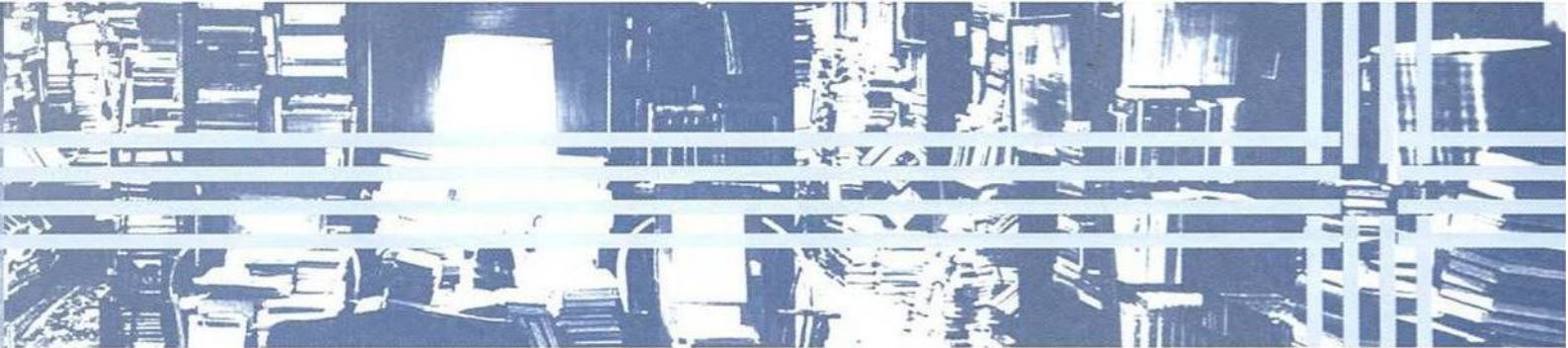
teologia. A estas compete defender a fé para que não seja manipulada e usada pelos inimigos da liberdade. Quem defende o homicídio, ou o genocídio ou a guerra santa está fora da fé e da razão moral.

Mas a tarefa de ser livre é sempre inacabada. A democracia cresceu em ambientes de influência cristã, como são os nossos, mas também de influência judaica, budista, hindu e mesmo muçulmana. É certo que nem todos os regimes se equivalem e todos deixam a desejar quanto à perfeição do reconhecimento das liberdades. Questão difícil é saber se é possível pensar a liberdade sem limites. Ou na

intolerável. Quanto a este ponto, podemos dizer que a liberdade como atitude não pode ser limitada por nenhuma autoridade. Porém, a liberdade como comportamento tem de ser limitada e, de facto, é limitada, ao menos, pelas leis. Mas esta é a cruz das nossas democracias.

A espontânea manifestação de multidões em favor da liberdade que se reuniu em Paris e em muitas outras cidades da Europa e da América tem, por isso, um sentido evidente: o da condenação clara da violência contra jornalistas, legitimada e executada friamente por inimigos da liberdade e da tolerância, mesmo da tolerância para com o mal. Mas devia ter também um sentido acrescentado que é o convite ao crescimento na liberdade como atitude, a única que dá ao sujeito a possibilidade da auto-limitação sem censura.

Jorge Teixeira da Cunha
(in Voz Portucalense)



MINISTÉRIOS LAICAIS LITÚRGICOS

Uma vez mais socorremos-nos de alguns passos, da resenha histórica escrita que o Sr. Filipe Pacheco nos deixou.

Dentre as várias e importantes resoluções conciliares destacaram-se as que deram aos leigos o seu verdadeiro lugar na Igreja, como elementos activos a colaborar com a hierarquia no exercício dos ministérios (laicais) que lhes eram anteriormente interditos, sobretudo ao nível da Liturgia. Durante as sessões do Concílio Vaticano II, o Padre Leonel tomava dele conhecimento quase diário através dos relatos publicados no jornal francês *Le Figaro*. No que à Liturgia se referiam as resoluções, o Pároco procurava imprimir conformidade às celebrações e instruir as Assembleias preparando-as, para evitar eventuais reacções dos mais tradicionalistas. E assim, quando em 1965 terminou o Concílio Vaticano II, já a Paróquia contava com "Ostiários" em vez dos tradicionais sacristães, uma escola de Acolitos, Leitores, Comentador da Missa, etc..

Uma das resoluções conciliares que muito interessou o Pároco foi a previsão de poderem ser instituídos ministros extraordinários, não ordenados, para distribuição da Sagrada Comu-

nhão, nos casos de Assembleias comungantes em número muito elevado, tornando demasiado morosas as respectivas celebrações. Aliás, essa prática foi corrente na Igreja até ao século VIII. O Concílio repunha-a agora reconhecendo aos leigos uma função que pode competir-lhes. E, no Natal de 1968, com Assembleias numerosas e celebrações muito demoradas, o Padre Leonel, com antecipada consulta ao Bispo D. Florentino, chamou um leigo (um dos seus 4 primeiros colaboradores) para o ajudar na distribuição da Comunhão. A Assembleia estava preparada e, curiosamente, à fila do ministro extraordinário acorreram mais comungantes, por certo em acto de confiança...!

À Equipa Pastoral outro grande problema suscitava preocupação - a Pastoral dos Doentes, obviamente bastante ligada à Liturgia. Numa das reuniões, disse o Padre Leonel: "A Comunhão aos Doentes é uma actividade que ainda nem sequer começou. Quando for possível - esperamo-lo ansiosamente para breve - com um corpo de leigos preparado, então poderemos começar a sério e com continuidade. Até lá, as mais das vezes continuaremos a ser chamados para abençoar mortos. Quanto a

mortos, salvas raras excepções, o estilo dos funerais dá-nos sempre a sensação de que são 'mortos a enterrar mortos'."

Estudado o problema e identificados os doentes, a todos eles passou a ser levado o Corpo de Cristo, no fim de cada Missa Dominical, pelo Ministro Extraordinário da Comunhão, nomeado pelo Pároco.

Relativamente à Santa Missa, as Folhas Dominicais de cinco Domingos depois do Pentecostes do ano de 1969, foram preenchidas na sua maior parte por esclarecimentos pormenorizados sobre as várias partes da missa, respostas da Assembleia, etc.; em rodapé sempre a frase: "Que tudo se renove na Igreja, para salvação do mundo e glória de Deus Salvador!"

A nova Liturgia Baptismal foi objecto, durante quatro Domingos, de longas explicações... e exigências, nas respectivas Folhas Dominicais. O Pároco manifestou regozijo pelo facto de "tudo agora ser mais lógico e mais facilmente entendido por todos, sem necessidade de grandes explicações, pois no Baptismo das crianças tudo é dirigido aos pais". Com base nas novas orientações conciliares, estudou-se seriamente o problema de que quase todos os párocos se queixavam, e a que o Padre Leonel chamou "as eco-

nomias da matéria do Sacramento do Baptismo - economia de água e economia de tempo: 'umas pingas de água' e tudo a correr, porque os padrinhos têm pressa...!" É ridículo e uma blasfémia!

Os sinais dos sacramentos devem falar por si próprios. Era preciso começar um Curso de Preparação para o Baptismo, que principiou na Páscoa de 1970, não obstante certas resistências, por vezes bem dolorosas. Fomos insultados, houve vigarices, apareceram superstições, as "chagas ficaram à vista - disse o Padre Leonel - mas tratámo-las com bondade e compreensão e muitos abriram os olhos". Um pai de vários filhos disse-nos: "Considero este o primeiro filho que baptizei de verdade!" Todos os meses surgiam dificuldades; e quando havia mais facilidades, sentia-se que "no fundo o que havia era fome de autenticidade e de Verdade!"

Em relação à Pastoral do Matrimónio, através do CPM Paroquial houve algum "crescimento"; mas ainda havia muito a lutar pela perfeição. Glosando as palavras, escrevia o Padre Leonel, na análise/balanço atrás citada: "O Casamento começa, somente, a ter Graça: mas muitas vezes não passava de 'coisa engraçada ou engraçadinha'."

O GRITO DO PROFETA

O BARULHO DA CARROÇA



Certa manhã, um pai, muito sábio, convidou o filho para dar um passeio no bosque. Ele aceitou com prazer.

Parou numa clareira e depois de um pequeno silêncio perguntou ao filho:

- Além do cantar dos pássaros, estás a ouvir mais alguma coisa?

O filho apurou os ouvidos alguns segundos e respondeu:

- Estou a ouvir o barulho da carroça.

- Isso mesmo - disse o pai - é uma carroça vazia.

Então o filho, intrigado, perguntou ao pai:

- Como pode saber que a carroça está vazia, se ainda não a vimos?

- Ora - respondeu o pai - é muito fácil saber que uma carroça está vazia por causa do barulho. Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que faz.

O filho tornou-se adulto, e, até hoje, quando vê uma pessoa falando num tom muito alto, gritando para intimidar, tratando o próximo com grossura, de forma inoportuna, prepotente, interrompendo a conversa de todos, e querendo demonstrar que é a dona da razão e da verdade absoluta, tem a impressão de ouvir a voz do seu pai dizendo: "Quanto mais vazia a carroça, mais barulho ela faz!..."